

# OS RETRATOS VENDIDOS DE PEDRO CABRITA REIS

POR MIGUEL MATOS

Pedro Cabrita Reis escreveu há mais de vinte anos o seguinte aforismo: «Aforismos são meras banalidades para uso de quem as escreve». Mesmo assim, correndo o risco de parecer um desfile de banalidades, cita-se aqui um outro que parece vir a propósito do tema que se segue: «Cria à tua roda uma teia de contradições. Não receies, pois os retratos nunca sairão desfocados.» Numa obra que parece feita de contrastes e recheada das ditas contradições, Pedro Cabrita Reis parece colar peças que formam um complexo e pouco claro retrato de si. Com isto em mente, verifica-se um desenterrar das suas origens através de registos fotográficos e regressos aos lugares onde cresceu. Trata-se, para muitos, de uma surpresa no seu percurso. Explorar um lado autobiográfico não é coisa que se espere, pelo menos à partida, deste artista que muitos consideram uma pessoa de personalidade controversa. Mas é isso que vai acontecendo, à medida que cada obra sua contém uma história escondida.

O contexto para a introdução que o leitor acaba de ler baseia-se em duas exposições simultâneas em duas galerias próximas entre si: a Galeria Caroline Pagés e a Galeria Miguel Nabinho, ambas localizadas no bairro lisboeta de Campo de Ourique, local onde Cabrita Reis viveu até aos 17 anos. Aqui mostra-nos a sua vida vasculhada e calendarizada em imagens e plantas de uma casa. Essa casa é a casa da sua infância e é o local onde se passa uma parte deste projecto. «A Galeria Caroline Pagés está actualmente situada na casa onde nasci», conta o artista. Aliás, parece ser uma coisa que ocorre consigo naturalmente pois já a galeria VPF Cream Art foi uma casa onde morou durante 16 anos. A casa, a habitação como estrutura e base de trabalho pictórico, tem sido sempre um motivo presente na sua obra. Seja em desenhos ou em intervenções escultóricas e instalações, há sempre um movimento de entrada, como se de um convite ao conhecimento se tratasse. Conhecimento da arte por dentro dela ou do artista por dentro daquilo que cria. Neste caso, é um convite para entrar no mundo de Cabrita Reis de uma forma mais íntima mas nem por isso esclarecedora.

«Um dia fui visitar a galeria Caroline Pagés por curiosidade, para ver como estava a casa onde eu nunca mais tinha ido após a morte da minha mãe, que foi a última pessoa da família a morar lá. Estava a ver uma exposição e o espaço e a pensar... A ideia de fazer algo com um carácter mais vincadamente autobiográfico, que já germinava na minha cabeça há algum tempo, foi-se alicerçando, construindo, aumentando», conta. Como a galeria é pequena e Pedro gostaria de fazer um projecto mais alargado, alastrou a ideia ao espaço do galerista Miguel Nabinho. O sentido mantém-se pois está dentro do território desta autobiografia: a zona onde, em puto, Cabrita Reis jogava à bola. «Começámos a remar a três este barco que se chama *Uma Casa e Outros Lugares Mais*». Assim, na casa que hoje é a Galeria Caroline Pagés está exposta

uma sequência de 16 desenhos sobre papel que partem da planta da própria habitação, posteriormente trabalhada graficamente com várias técnicas.

Como se sente o artista ao revisitar a sua vida e abri-la, ainda que codificada, ao seu público? «Lidar com a questão da memória e da autobiografia é *per se* já bastante complexo», diz. «Não me pareceu oportuno fazer uma exposição que viesse trazer ainda mais complexidade. Achei que o mais adequado para aquele espaço seria uma série de desenhos de bastante simplicidade que contrabalançassem o peso da memória da casa onde nasci e vivi». Pedro Cabrita Reis abandonou a casa dos pais em 1974, no contexto da revolução de 25 de Abril e das transformações registadas na sociedade portuguesa. Na sua antiga casa, tudo o que podemos ver são desenhos em que a planta da mesma é riscada até à exaustão com linhas sobrepostas num registo quase obsessivo. Há uma base comum a todos os desenhos, intervencionados por Cabrita Reis em ambiente de isolamento. Nenhum deles conta uma história, mas todos eles dão pistas e fornecem símbolos quase imperscrutáveis. Trata-se de uma obra com contornos porventura psicanalíticos, ao explorar as fundações da sua infância e adolescência. Em alguns desenhos, a planta é comida por manchas de tinta que apenas deixam a descoberto uma das divisões. A própria introdução da cor é uma memória evocada, embora só o próprio autor a conheça. Sobre outra planta, setas apontam os quartos dos pais, da irmã e do artista - o visitante/observador/voyeur poderá, se quiser, situar-se fisicamente dentro dos antigos espaços. Há também plantas que ficaram simbolicamente queimadas e outra sobre a qual quatro manchas de vinho maculam estas linhas, são marcas de quatro pessoas diferentes ligadas pelo sangue.

O segundo momento desta mesma história passa-se na Galeria Miguel Nabinho. A fotografia não é estranha ao percurso de Cabrita Reis. Funciona como uma espécie de anotação. De facto, a câmara fotográfica acompanha o artista frequentemente como ferramenta de captação visual. Com ela recolhe elementos que depois utiliza para inspiração em futuras obras. Muitas dessas fotografias acabam por integrar instalações, pinturas ou esculturas. Neste caso, Pedro Cabrita Reis transportou para o espaço da galeria um apanhado exaustivo de retratos seus feitos por muitas pessoas ao longo da sua vida numa recolha de vários milhares de imagens agrupadas por anos, mas de uma forma aleatória, em grandes folhas de papel. É um apanhado de 30 anos de fotografias através do recurso a arquivos digitais e analógicos. À volta dessas fotografias aparecem anotações - o espaço da folha de papel é riscado com os locais, datas e circunstâncias que envolvem as fotos. «O único critério unificador é serem fotos em que apenas estou eu. É um album de família em que a única família que aparece sou eu», diz Pedro. Nestes painéis há saltos e erros de informação, tal como na memória de cada um de nós. Tudo isto, confuso como é, leva-nos a fazer perguntas...







